

## DE GIDDINGS A RECASSENS

Gilberto Freyre

Um sociólogo que me fez pergunta igual à de Roger Bastide, quanto à espécie de influência que eu teria recebido de Giddings, foi o sábio Luís Recassens Siches. Sábio. Generalista. Pergunta jornalística. Mas é próprio dos sociólogos serem um tanto jornalistas. Próprio da Sociologia ser jornalística.

Não se pode afirmar da Espanha – ou do mundo hispânico de que a Espanha é a principal raiz – que tenha uma sociologia sistemática do porte da alemã ou da francesa ou da dos Estados Unidos. Em primeiro lugar, o que há de mais caracteristicamente hispânico na sociologia desse mundo ibérico é antes assistemático do que sistemático. Sem lhe faltarem sociólogos sistemáticos dentre os melhores da Europa de hoje, nestes não se encontra quanto a Espanha ou o mundo hispânico possui de mais seu – digamos assim – no setor da sociologia. Uma Sociologia um tanto jornalística. De modo que Recassens teria sido, tanto quanto, desde jovem, alguns brasileiros, estudante de sociologias de vários tipos nacionais. Impressionado por Giddings, como um sistematizador de Sociologia, diferente dos patriarcas como Comte e Spencer. Um Giddings nascido jornalista e sempre jornalista.

Enriquecida por uma tradição de sociologia assistemática que, em alguns dos seus cultores, não pretende sequer ser sociologia, precisara Recassens, como estudioso do assunto – sociologias mais ou menos imperialmente nacionais em alguns dos seus característicos – aproximar-se desses sistemas imperialmente sociológicos, com relação à Espanha ou ao mundo hispânico – incluídos Portugal e o Brasil – de modo todo especial. Aceitando o individualismo dos hispanos dentro das próprias Ciências do Homem, sem que a presença desse individualismo importasse em não possuir a Espanha – ou o

mundo hispânico, no qual Recassens se alargou, absorvendo saberes não europeus e não espanhóis – sociólogos do melhor porte e estudos sociológicos aos quais não faltassem qualidades científicas.

Lembremo-nos de que Dilthey considerava Vives – o espanhol Vives – o fundador da moderna Antropologia: uma Antropologia que, como estudo social, não pode ser separada da Sociologia sem a sociologia sofrer com a separação. Do mexicano Luís Recassens Siches se pode dizer que, como sociólogo, vem sendo quase outro Vives no seu modo de dar modernidade aos estudos sociológicos – inclusive de Sociologia do Direito – sem desprendê-los das suas fontes filosóficas. Ao dar-lhe modernidade, dando-lhe vivacidade jornalística.

E se, em Luís Recassens Siches, como em Georges Gurvitch, a Sociologia nunca prescinde, por um lado, da Filosofia, em geral, da Filosofia Social, em particular por outro lado, é sempre jornalística. Basta que se recorde de seus trabalhos principais que neles as sugestões filosóficas estão sempre próximas das sociologias e a expressão científica, sempre humanizada pela jornalística.

A condição de Sociólogos da espécie mais livre, não é, de modo algum, apenas a de filósofos que se interessam pela Sociologia. Eles são quando versam assuntos Sociológicos, menos especialistas que generalistas.

Dizendo o que, admite-se que, em Sociólogos, se projetam, em vários casos, suas condições ou situações nacionais. Ou as dos seus complexos transnacionais de cultura. Por vezes até seus preconceitos ou suas predileções como em não poucos sociólogos dos Estados Unidos, sua tendência para valorizarem o quantitativismo na apresentação, na análise e na interpretação de fenômenos sociais, com evidente prejuízo do que, nesses fenômenos, escapa à simplificação estatística ou quantitativa.

O Professor Recassens Siches é um sociólogo hispânico que deve à sua permanência no México, como Roger Bastide à sua permanência no Brasil, não poucas das provocações como que nacionais e que passou a reagir, representariam o enriquecimento de suas perspectivas sociológicas por alguma coisa de extraeuropeu. De vigorosamente extraeuropeu. Inclusive do extraeuropeu e até do extraespanhol. Um extraespanhol influenciado, no México, por antropólogos-sociólogos de alto valor como é Manuel Ganio, autor do já clássico *La población del Teotihuacán*, e como eu, discípulo de Antropologia de Boas, na Universidade de Colúmbia.

Nos trabalhos de Recassens Siches se observa que não lhes falta o contato com a sociologia norte-americana – inclusive a de Giddings – nem com a sociologia alemã. Nem o estímulo do meio mexicano que terá concorrido para alargar certas visões sociais espanholas do grande estudioso em visões hispano-americanas. O sentido hispano-americano da cultura e de tipos humanos está vivamente presente na obra complexa e sempre profunda de Recassens Siches, dando amplitude às suas interpretações do comportamento humano: fazendo-o considerar, nesse comportamento, o que, sendo extraeuropeu, completa o que estudos apenas europeus apresentam como essencial. A permanência de Recassens Siches no México foi assim de grande importância para que a sua sociologia ganhasse uma extensão de perspectiva e uma profundidade de sentido humano que falta, em vários casos, a traba-

Ihos sob vários pontos de vista, notáveis, de sociólogos europeus fechados de todo na sua europeidade. Recassens Siches é europeu. Mas um europeu que, graças à sua sensibilidade jornalística, rapidamente transeuropeizou-se. Explica-se assim que seja um sociólogo nascido e crescido intelectualmente na Europa que, através da sua vivência mexicana, se faria compreender por jovens e estudiosos da América do Sul como se fosse um deles. Essa extensão de perspectiva faltou a Giddings, sempre não só muito estadunidense, como anglo-saxônico, nos seus inevitáveis critérios de valor. Mas, felizmente, sempre jornalista:

O fato de ter nascido num país pequeno mas participante de um importante – cada dia mais importante – sistema transnacional de cultura – o hispânico – parece esclarecer certos característicos da orientação e das perspectivas sociológicas de Recassens Siches. Os fatores culturais e ecológicos atuam sobre um sociólogo de modo mais forte que sobre um físico ou um químico ou um matemático. Em contraste com esse sistematizador de Sociologia anterior a Giddings, Giddings sofrera, na sua condição de sociólogo sistemático, do fato de ter tido uma formação quase exclusivamente anglo-saxônica em sua perspectiva.

Não há hispano que, em sua sociologia, se mostre de todo alheio a tais influências. Nem mesmo os mais internacionalizados como Echavarría e Ayala – para citar apenas esses – se desprendem completamente delas.

Quanto a Roger Bastide, sua experiência brasileira cedo corrigia em sua formação francesa, o que nela poderia haver de etnocêntrico. A experiência brasileira juntou-se nele, no mesmo sentido, o fato de sua formação francesa como sociólogo ter incluído perspectiva antropológica.

Talvez porque o hispano como tipo em que se exprime atualmente uma cultura transnacional seja sensível, de modo particularmente hispânico, a regularidades de comportamento condicionadas por um processo histórico-social comum a vários grupos nacionais; e porventura mais atuante sobre as perspectivas desses vários grupos que igual processo em sua atuação sobre grupos eslavos ou anglo-saxônico nacionalmente diversos ou separados.

Na sistematização sociológica realizada por Recassens Siches não é difícil identificar um sociólogo hispânico, mesmo quando aparentemente anti-hispânico em algumas de suas atitudes de intelectual em cuja formação estão presentes várias influências: inclusive a alemã. Também a repercussão de crises, intra e extra hispânicas, que evidentemente vêm contribuindo para o advertir contra qualquer excesso na ênfase que um sociólogo – ou um estudioso do Direito: e em Recassens Siches é evidente a preocupação com a matéria jurídica que, indo além de um estreito Direito, toma forma sociológica – dispensa às chamadas regularidades no comportamento do Homem social, em geral, e de certas sociedades, em particular.

Com essas regularidades alternam crises. Não há sociedade nacional que possa ser apresentada como de todo livre de crises: nem mesmo a sueca que das atuais talvez seja a mais condicionada por um conjunto de regularidades que tendem a completar-se. Neste particular, o tipo social sueco seria o oposto do hispânico que parece encontrar o clima ideal para a sua expressão

em dias se não de crise aguda, de irregularidades, de choques entre antagonismos, de conflitos entre subgrupos mais ou menos anárquicos em suas tendências.

Compreende-se que Recassens Siches procure num Direito, de todo sociologicamente orientado, força que, sem violência, contenha o pendor excessivo para irregularidades de comportamento ou de conduta. Compreende-se, também que, como hispano, tenha ele encontrado no México um como laboratório ideal para observações e experimentos entre formas agudas das duas tendências – a tendência para a irregularidade e a tendência para o equilíbrio entre as mesmas irregularidades. Embora não pareça ter dedicado trabalho sociológico à análise específica de sua vivência mexicana, por essa vivência está marcada parte nada insignificante daquela sua obra de sociólogo e de jurista em que o cientista social, mesmo cioso de sua objetividade, não deixa de ser autobiográfico. Autobiográfico em termos por vezes quase pessoais que se despersonalizam, por força de sua orientação sociológica, numa espécie daquela autobiografia coletiva, de que fala um pensador alemão.

O mesmo terá acontecido com a repercussão sobre a obra sociológica de Recassens Siches da crise espanhola ocorrida durante a sua maturidade e que sem despanholizar a Espanha fê-la experimentar novos desequilíbrios seguidos de reequilíbrios em sua vida social nacionalmente configurada. Mais: o hispano em Recassens Siches terá recebido, no decurso destes últimos decênios, com sensibilidade jornalística, outras sugestões valiosas sobre relações em dias críticos entre desequilíbrios que terão enriquecido seu saber sociológico. O problema que tanto preocupou Augusto Comte, sob o impacto da Revolução Francesa, não poderia deixar de preocupar, em época bem mais recente, Recassens Siches ante os ímpetus de revoluções de menor porte que a Francesa como as que vêm agitando o seu mundo: o hispânico. Revoluções como a Mexicana, como a Argentina, como a Boliviana, como a Peruana, como as da América Central, como a Brasileira. São problemas que devem estar também preocupando outro sociólogo hispânico de alto saber, como é Francisco Ayala, desde seus começos, como sociólogo, voltado para o tema dramático da discriminação entre épocas agudamente críticas e épocas quase de todo normais.

No mundo atual, o que, por algum tempo, pareceu uma quase singularidade hispânica – a freqüência de crises em Estados nacionais – é uma situação generalizada. Grande parte do mundo hispânico tendo se constituído numa expressão de quase normalidade social a predominar sobre a erupção de crises de maior porte, essa tendência ou normalidade hispânicas – México, Argentina, Brasil – é fenômeno expressivo. Fenômeno que não terá escapado à atenção lúcida e penetrante de Recassens Siches. Sobre o assunto tivemos oportunidade de conversar, ele e eu, primeiro na Alemanha, depois, em Buenos Aires, em reuniões de cientistas sociais às quais fomos ambos convocados. Verificamos sermos, os dois, irredutivelmente jornalísticos.

Sobre a capacidade das culturas de transbordarem de seus condicionamentos políticos para se constituírem em forças transnacionais, através de aglutinações não-políticas no sentido convencional de políticas, como expressões de novas relações entre novas formas políticas de organização e formas culturais de expressão. Apolítica. Possibilidade já entrevista, em páginas ar-

gutas, pelo arguto Ayala, ao comentar uma das idéias geniais de Spengler: idéia de filósofos da História, com Recassens Siches, desdobrado em sociólogo à sua maneira. A idéia de Spengler seria a de opor a uma interpretação linear do desenvolvimento humano a do panorama de uma "variedade de culturas grandiosas" que cresceriam "com pujança cósmica no sentido de uma paisagem materna", não faltando a cada uma, dentro desse conjunto cultural, sua própria forma, sua própria substância, sua própria maneira de ser existencialmente humana.

Sem aceitar-se todo o conceito de Spengler – repelida mesmo, a sua concepção de cultura como organismo – pode-se adotar dele parte do seu critério segundo o qual haveria uma tendência para conjuntos culturais grandiosos sem prejuízo da espontaneidade de expressão e da peculiaridade de substância de seus componentes. Com esse critério coincide, em parte, o que venho sugerindo para a definição e a interpretação de um conjunto cultural de cultura hispânica que estaria se constituindo, nos nossos dias, numa força semelhante, pela sua unidade, à do conjunto cultural anglo-saxônico e às dos conjuntos culturais eslavo e chinês. Sugestão que apresentei aos meus colegas, cientistas e pensadores sociais hispânicos, na referida reunião de Buenos Ayres e que mereceu deles – de muitos deles, inclusive de Recassens Siches – o seu apoio prestigioso e compreensivo. É sugestão que procurei desenvolver em livro aparecido no Rio de Janeiro sob o título **O Brasileiro entre os outros Hispânicos**.

Há base cientificamente sociológica para esse conceito brasileiro de um vasto complexo cultural pan-hispânico? Segundo Roger Bastide, o notável mestre da Sorbonne há pouco falecido, sim. Como o conceito teria projeções transjornalisticamente políticas, sem prejuízo da sua validade científica. O que parece ter sido também, ao apoiá-lo em Buenos Ayres, o parecer de Recassens Siches.

Aliás, quem considera sociologicamente o mundo hispânico como, dentre outros, Recassens Siches o tem considerado, considera importantíssimo o problema da miscigenação no plano biológico, ou biossocial, e o da interpenetração de culturas, no plano sociocultural. Nesse mundo tem sido considerável o cruzamento de europeu com ameríndio e, em certas áreas, também com o negro importado da África para um ambiente tropical, resultando em ampla simbiose eurotropical ou, particularmente, hispanotropical. É fenômeno a que nenhum antropólogo ou sociólogo hispânico pode ser indiferente, sendo vários os sociólogos hispânicos que hoje repelem a tese, outrora sustentada com tanta veemência, por sociólogos franceses como Gustave Le Bon, da inferioridade do mestiço ou da pouca criatividade das culturas mistas que sofreriam de confusão e indeterminação.

Recassens Siches situa-se entre os sociólogos hispânicos que, sem sacrifício de sua ciência, vêem o que de positivo há nas situações eurotropicais de grande parte do mundo hispânico: nos seus tipos humanos e nas formas mistas de cultura que vêm saudavelmente desenvolvendo. E que exigem do observador, agudeza jornalística.

Passou a época, no mundo hispânico, de sociólogos quase tragicamente pessimistas sobre o futuro desse mundo e as possibilidades de sua

gente desenvolver em terras, várias delas de climas quentes e com populações em grande parte mestiças, altas formas de socialidade e de cultura. A obra de Recassens Siches não é das que transpiram o pessimismo das primeiras gerações de sociólogos hispanoamericanos, alguns quase neuróticos quanto a esses e outros particulares da formação social ou biossocial de suas gentes. A obra de José Vasconcelos e de Manuel Ganio foi, em conexão com esses fenômenos e sua reinterpretação, de extraordinária importância, Ganio tendo sido mais antropólogo que sociólogo sem ter deixado de ser a seu modo sociólogo. Caso semelhante ao seu foi no Brasil o do antropólogo Roquette-Pinto. Também semelhante ao caso do mexicano Ganio vem sendo o do antropólogo magistral Fróes da Fonseca, igualmente brasileiro.

Que no México e no Brasil, Antropologia e Sociologia andem mais juntas do que em outros países, compreende-se. Vários dos problemas sociais que entre os mexicanos e entre os brasileiros desafiam a argúcia de sociólogos são problemas estreitamente ligados a situações que exigem análise e interpretação antropológicas. Não podem ser interpretadas na sua mais íntima realidade, sem que o pesquisador sociólogo tenha algum conhecimento de fatores antropológicos que os condicionam.

Também se compreende que, em países como o Brasil e o México, a Sociologia tenha se desenvolvido em ligações mais ou menos íntimas com o Direito ou a Jurisprudência, por um lado, e com o Jornalismo, por outro lado. Em nenhum desses dois países, como em nenhum dos demais da América Latina, dificilmente será bom jurista quem não tiver tido iniciação em estudos sociológicos e até cultive as duas especialidades – a Sociologia e o Direito – como é o caso de Recassens Siches no México – ou no mundo hispânico – e como aconteceu com o Professor Pontes de Miranda, no Brasil: um jurista eminente e, também, um sociólogo bem informado e sempre atual no seu trato de assuntos sociológicos. Sensíveis, os dois, ao que há de condicionamentos sociológicos em não poucos dos problemas com que precisa de defrontar-se o jurista. Pois são problemas, alguns deles, socialmente ecológicos. Ligados a particularidades de ambiente tanto quanto de formação histórica que, como problemas dessa complexidade, exigem do jurista evitar o abstrato das soluções importadas para buscar, quanto possível – inclusive com agilidade jornalística – conceitos daqueles que correspondam a realidades específicas: próprias dos ambientes vivos e dos antecedentes históricos dos países de ecologias diferentes das comuns à Europa e aos Estados Unidos e de desenvolvimentos históricos complexos como são, tanto o México como o Brasil.

Dal não faltar à Sociologia de um Recassens Siches, em justa medida, o sentido histórico. Aquele sentido histórico que aparece exaltado em Spengler como projeção de um presente que condicionasse passados susceptíveis de atuarem sobre presentes e sobre futuros.

Qualificando-se o que afirma Spengler, chega-se a outro sociólogo moderno de língua espanhola: Francisco Ayala. É um condicionamento de particular interesse sociológico para as gentes hispânicas cujo passado direto, de atuação sobre o presente, nem é tão imediato que seja quase presente

nem tão remoto que dificilmente se deixe associar ao presente. Aliás, está entre as constantes da Sociologia que vem se desenvolvendo entre as gentes hispânicas da América uma preocupação com o passado atuante sobre o presente que a distingue da Sociologia, em geral mais presentocentrista, dos angloamericanos. Mas para a qual alguns sociólogos angloamericanos mais modernos estão se voltando com crescente interesse. Aliás, o desejável é que as Sociologias nacionais e transnacionais – expressões mais do que culturas nacionais, de sistemas transnacionais de culturas, como é o hispanoamericano se apercebam mais e mais de suas diferentes tendências para procurarem conciliá-las, em vários casos, em terceiras tendências. Ou em sínteses. Não parece ter sido outra a orientação de Recassens Siches, indicada pelo seu particular interesse pela obra de von Wiese, na qual ocorreu, de modo ostensivo, precisamente esse intercâmbio de tendências, procurando-se conciliar com a tendência germânica para a exaltação da Teoria sociológica e dos seus aspectos filosoficamente especulativos a tendência dos angloamericanos para desenvolverem nos estudos sociológicos a pesquisa de realidades, a análise de problemas concretos, um como pragmatismo. Tendência em vários dos seus cultores de conseqüências lamentavelmente superficiais, mas à qual se devem obras-primas de Sociologia Aplicada, sem perfúria de especulações teóricas, como, entre outras, **The Polish Peasant**, de Thomas e Znanieck.

Não faltam a pensadores atuais, recursos intelectuais e de personalidade criadora para seguirem essa orientação conciliadora de tendências aparentemente contraditórias mas na verdade, complementares, em estudos sociológicos que se realizem em profundidade. Não é unilateral. Para ele o que é sociológico é sempre complexo. Ao estudo empírico junta-se a indagação filosófica.

Quem é, em Sociologia, assim sensível ao complexo, precisa, é claro, de possuir, nos seus estudos, uma superior capacidade de domínio sobre contradições apresentadas pela matéria que considera.

O que importa numa tarefa delicadíssima: a de não se entender por extensão de um sistema nacional de civilização uma simplista descaracterização do que é rústico ou rural para sua mecânica substituição por formas de vivência e de convivência urbanas ou urbanóides tidas, de modo absoluto, como idealmente “progressistas” ou messianicamente “modernistas”, quando o seu “progressismo” ou o seu “modernismo” é apenas quantitativo e quase que somente imitado de modelos estranhos. Sem consideração pelo que, no Brasil, é próprio tanto de uma ecologia em grande parte tropical e, como tal, diferente das dos países de ecologias temperadas, como do que vem resultando de uma formação historicossocial ou antropocultural há séculos descolonizadora ou, mais especificamente, autocolonizadora.

Pois, no Brasil, ao lado de uma criativa colonização ibérica, especialmente portuguesa, que marcou, em grande parte, seu primeiro século e meio de vida prenatal, nunca é demais insistir-se ter madrugado aquele vigoroso processo de autocolonização inaugurado pelo arrojo Bandeirante ou Paulista – e depois cearense e piauiense – em sentido horizontal e cimentado, em sentido vertical, por pernambucanos, baianos, maranhenses, mineiros, gaúchos, como fundadores, quer de cidades, quer de engenhos de açúcar, de fazendas de várias lavouras, de estâncias: cidades, engenhos, fazendas, estân-

cias, seringais, que se constituíram em raízes de fixação, primeiro prenacional, depois nacional, em terras brasileiras. Inclusive nas Amazônicas, em contraste com fracassos da parte de invasores, quer europeus, quer, como flibusteiros, angloamericanos, no mesmo sentido.